

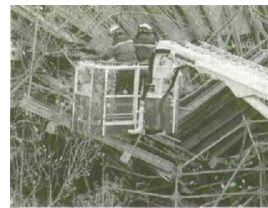


DIA DA PREVENÇÃO E SEGURANÇA LABORAL



É no Porto que mais se morre a trabalhar

Duas em cada dez vítimas mortais (23 em 130) registadas em 2010 trabalhava no Porto, de longe o distrito com maior sinistralidade. Em Portalegre não houve nem um acidente mortal.



ACT percorre país em acções de sensibilização

Encontros, seminários, jornadas, um pouco por todo o país. Este ano, a ACT continua a levar a vários públicos (desde escolas a empresas) a mensagem de que mais vale prevenir do que remediar.



Pescas tiveram um ano terrível, em 2010, com inúmeros naufrágios e mortes de pescadores, mas a forma como a ACT recolhia a informação levou a que nenhum fosse investigado

➔ Pormenores



DOIS MENORES AO SERVIÇO
Nos 28 059 estabelecimentos visitados no âmbito da prevenção, trabalhavam 233 938 pessoas, duas das quais menores de idade. Somando os estabelecimentos visitados pela actividade inspectiva, o número sobe para 74 616.

384 INSPECTORES EM TODO O PAÍS
No passado, foram nomeados em definitivo 148 novos inspectores.

77 EMPRESAS FORAM AUTUADAS
Por falta de comunicação de acidente de trabalho, em 2010.

INQUÉRITOS RESULTAM EM COIMA
Nas 1200 visitas a acidente de trabalho detectaram-se 317 infracções, que valeram coimas no valor de 604,7 mil euros.

Inspeção investiga mortes pelas notícias

Autoridade para as Condições no Trabalho quer analisar todos acidentes

ALEXANDRA FIGUEIRA
afigueira@jn.pt

Pelo menos 130 pessoas morreram em acidentes laborais, em 2010. Mas a Inspeção do Trabalho só contava as mortes oficialmente comunicadas. Na pesca, que teve um ano terrível, não registou qualquer vítima, por exemplo. Este ano, os procedimentos já mudaram.

Em Fevereiro, a Autoridade para as Condições no Trabalho (ACT) passou a abrir inquéritos a mortes e acidentes de trabalho graves noticiados pela comunicação social. Até então, só investigava as ocorrências de que tivesse

conhecimento oficial. Assim se compreende que as estatísticas digam não ter havido qualquer morte nas pescas, apesar dos inúmeros naufrágios do ano passado.

Por lei, só os empregadores são obrigados a comunicar sinistros em 24 horas, disse fonte oficial da ACT. Mas também as polícias, os bombeiros ou o INEM podem tomar a iniciativa de informar a autoridade, ou os tribunais de trabalho, com anos de atraso. O sistema, contudo, deixava passar muitos sinistros, pelo que, em Fevereiro, a Direcção de Actividade

Inspectiva da ACT começou a enviar aos serviços de todo o país as notícias sobre acidentes laborais de que teve conhecimento.

“Com base na informação, os serviços desconcentrados poderão abrir o inquérito para apurar as causas do acidente”, disse a mesma fonte, acrescentando que a ACT admite celebrar acordos com entidades como associações florestais ou da pesca, para que lhe sejam comunicados mortes ou acidentes graves ocorridos na agricultura ou no mar. Estas são duas áreas de actividade onde a

Patrões não contam

A ACT só investiga os acidentes graves ou mortes de trabalhadores por conta de outrem, pelo que os empregadores não entram nas estatísticas, adiantou fonte oficial da Autoridade. Se proprietário de um terreno trabalhar ao lado de um assalariado e ambos morrerem num acidente de trabalho, o sinistro será registado como tendo provocado só uma vítima mortal.

Autoridade para as Condições no Trabalho estima existirem mais acidentes mortais não notificados.

Mortes tendem a diminuir

No ano passado, morreram em serviço pelo menos 130 trabalhadores, refere o balanço da ACT, a que o JN teve acesso. É certo que o número é maior do que os 115 óbitos do ano anterior, mas a tendência de longo prazo é de diminuição (em 2004, por exemplo, perderam a vida 197 trabalhadores). Trata-se de pessoas que perderam a vida no local de trabalho ou até um ano depois, na sequência de um acidente grave. Neste caso, e de novo, ressalvou a fonte oficial da ACT, são contadas apenas as mortes que lhe são comunicadas.

O trabalho mais perigoso ainda é a construção civil, sobretudo quando em altura, com quedas como maior causa de morte. Mas também aqui a melhoria é evidente: há seis anos, quando terminou a construção dos estádios do Euro 2004, tinha morrido perto do dobro das pessoas. Seguem-se a agricultura, a indústria de metais e a química. ■